

# Labirinto das águas

Texto e Fotos: Francisco José Starling

**E**u sabia que o meu amigo Ian Solucki aniversariava em janeiro e, como tenho que me programar com antecedência, em setembro de 2012 enviei a ele um e-mail para ter certeza da data, pois havia encontrado um estojo de pesca para presentear-lhe. Para minha surpresa foi ele que me presenteou, convidando-me para pescar em Barcelos, na data de seu aniversário. Convite feito e aceito.

Os meses que antecederam a pescaria passaram lentos e os preparativos foram feitos e refeitos para não haver margem para erros. A tralha era pesada, pois a força extraordinária dos Tucunarés Açus já é conhecida. Na região também existem em profusão os peixes de couro, principalmente Piraíbas e Pirararas, para estes também o equipamento deveria ser reforçado.

Foi minha primeira vez nessa região e a infinidade de canais, lagoas, ressacas, enfim, a imensa rede fluvial me impressionou bastante.



### FINALMENTE: MANAUS

Já no aeroporto encontrei Magal e Carlos Panzieri, pescador conhecido pelo programa de dicas de pesca na internet. Ele também estava a caminho da Meca dos Tucunarés monstruosos, assim como meu grupo que conheci na hora, no saguão do aeroporto. Grupo eclético, formado por alguns idosos de espírito jovem e aventureiro; por pescadores típicos; por jovens e por duas mulheres, que amam pescar e só fazem comprovar que aquela conversa de “pescaria ser coisa de homem” não tem fundamento!

Na chegada à Barcelos, Ian e Alexandre “Mega” já nos aguardavam. Em pouco tempo estávamos embarcados e iniciávamos a navegação de algumas horas até nossa primeira parada, com tempo para ainda



naquele dia espantar a ansiedade e jogar as iscas na água. Foi minha primeira vez nessa região e a infinidade de canais, lagoas, ressacas, enfim, a imensa rede fluvial me impressionou bastante. São tantos os caminhos e possibilidades que, a cada curva de rio, o recorde mundial do Tucunaré certamente espera para ser batido!

E neste ponto, os guias - nascidos e criados naquelas paragens - é que fazem a diferença. Conhecedores de cada caminho, cada furo de passagem, cada remanso e praia - quer na seca quer na enchente -, são eles que nos levam até o habitat dos maiores e mais explosivos peixes da

pesca esportiva nacional, pela qual todos anseiam: o Tucunão Rei, o Macetão, o Peacockbass Monstro ou qualquer outro nome utilizado para designar o Tucunaré Açú, de força desproporcional, capaz de entortar e/ou abrir anzóis, arrancar pitões e abrir argolas, literalmente destruindo as iscas artificiais. Na região próxima de Barcelos o famigerado repiquete, somado à pressão de pesca, geraram poucas ações, e ainda de peixes pequenos. Meu parceiro nesse dia foi o americano Daniel e apesar de vermos grandes peixes seguindo as iscas, eles refugavam e não atacavam como era esperado.



Viajamos a noite inteira, mas no dia seguinte, as coisas começaram a melhorar. A princípio, com mais exemplares fisgados, mas ainda pequenos para os padrões da região, com peixes atingindo neste dia apenas a casa dos 4kg. No terceiro dia, fomos mais distante da cidade e sofremos menos os efeitos do repiquete, tanto que o número de ações e o tamanho dos exemplares começaram a aumentar em progressão aritmética. Assim igualei meu recorde anterior, com a captura de dois peixes na faixa de 6kg: um Paca e um Açú. Tanto no segundo quanto no terceiro dia, pesquei sozinho com o guia Marquinhos,

que me surpreendeu positivamente com seus dons de fotógrafo, pois o colega que faria tal função não pode me acompanhar na viagem. Nesse dia ainda ocorreu um fato que serviu para me alertar para nunca desacreditar e trabalhar a isca até que ela seja novamente arremessada. Isso porque eu já recolhia a Perversa de forma mais displicente - pensando onde seria meu novo arremesso -, quando um grande Tucuna Paca quase me rouba a vara das mãos, tamanha a pancada que me deu quando arrebatou a isca a meio metro do barco! Em outra feita, pelo canto do olho notei um movimento à minha esquerda e lancei a

isca, mesmo sabendo que o local tinha no máximo 40cm de profundidade. Um grande Paca atacou prontamente minha isca, dando-me um trabalho para conseguir finalmente embarcá-lo. Feitas as fotos do peixe com mais de 6kg, ele foi liberado em uma praia, saindo com todo vigor das mãos deste pescador.

#### **RECORDE PESSOAL**

No quarto dia, novamente fui pescar com meu novo amigo americano, o qual me apelidou de "John Wayne" pelo meu equipamento, e a quem apelidei de "Mr. Jigs", pela quantidade deste tipo de iscas



que ele trouxe dos EUA. A camaradagem era tamanha que mesmo as falhas de comunicação causadas por meu inglês (no máximo sofrível) eram rapidamente superadas pela vontade de trocar ideias e técnicas. Eu, que até ali havia pescado predominantemente com iscas Twitch-Baits, comecei a pescar com Jig para acompanhar o parceiro e, neste dia, na região do Rio Padaueri, tal técnica foi perfeita para as grandes praias formadas pela água baixando ao seu nível normal após a cheia repentina. Assim, quando arremessávamos para as galhadas, eu utilizava as Twitchs Baits e as ações eram constantes, mas no início a maioria dos peixes eram Tucunarés Popoca ou Borboleta, Jacundás e Traíras. Já quando arremessávamos para o meio do

curso d'água, eu trocava para o jig, modelo 'caribe'. Batíamos as margens durante uns 500 metros, voltando arremessando para o meio, nas praias. E se nas galhadas já surgiam os bons e brigadores Tucunarés Pacas, no meio vinham os Sarabianos (Paca-Açus) e os Açus típicos. O mais estranho é que aprendi com o novo amigo americano as "manhas" do Jig e acabei estabelecendo um padrão próprio, que em um período de uma hora me rendeu cinco bons peixes, dentre eles a quebra de meu recorde pessoal, com um lindo e zangado exemplar de Tucunaré-Açu de 9kg!

A história desta fisgada e as cenas que a antecederam até hoje me vêm à lembrança, como um filme projetado em minha retina. Pouco tempo antes, eu havia fisgado

**E se nas galhadas já surgiam os bons e brigadores Tucunarés Pacas, no meio vinham os Sarabianos (Paca-Açus) e os Açus típicos.**





um peixe realmente enorme, que tomou linha como quis, apesar do equipamento estar regulado para que o peixe tivesse que se cansar para tal manobra. Ele subitamente, após breve e quase imperceptível rebojo, arrebatou a isca que acompanhava e partiu em disparada, primeiro para a esquerda, em corrida de quase 30 metros e depois para o lado oposto, novamente esquentando a carretilha ao tentar chegar às galhadas. Subitamente, no meio da briga a linha bambeou e senti que tinha perdido o peixe. Desconsolado, recolhi a linha. Mas quando ia lançar novamente o guia Carlinhos me alertou para olhar o anzol. O peixe havia torcido e aberto o anzol do Jig como se fosse de arame de varal! Mesmo assim, o



desânimo ameaçou tomar conta do barco, por alguns instantes. Sentei-me e tomei água, aguardando uns cinco minutos até voltar novamente à luta.

Foram quase 40 minutos sem qualquer ação, mas o primeiro peixe que quebrou tal calma, o fez de forma tão perfeita e inusitada que escrevendo me lembro da cena cinematograficamente: vinha recolhendo o Jig na cadência para que parecesse um peixinho em seus movimentos ondulatórios e observando se algum peixe o seguia. De repente, vindo da minha lateral esquerda, rente à lateral do barco, surgiu um torpedo chamado Tucunaré-Açu e interceptou minha isca a cerca de um metro do barco, quase me fazendo perder o equi-

líbrio. Ele abocanhou a isca tomando linha, fazendo a carretilha cantar bonito! Correu como um desvairado para a direita, para a esquerda, e ainda tentou passar debaixo do barco. Mas como contornei todas as suas tentativas e após espirrar água para todos os lados, foi embarcado. Aqui cumpre ressaltar que o respeito pelo nobre adversário não cessou mesmo após ele ter sido embarcado. Enquanto o equipamento de fotos era preparado, ele foi mantido dentro da água para desestressar e respirar. Feitas as fotos, foi filmado se despedindo deste pescador, novamente dando-me um banho com uma violenta rabada, jogando água até na câmera!

No quinto dia, meu parceiro de pesca



## Nos primeiros dois toques que imprimi na isca, um Açú enorme, com mais de 8 kgs, abocanhou a isca e felizmente saiu do emaranhado de troncos e raízes, indo para o meio do lago em uma primeira corrida alucinante!

foi o Almeida Lisboa, pescador veterano e com larga experiência, principalmente em pesca marítima no Rio de Janeiro. Logo no início do dia fomos para um lago mais afastado, onde também pretendíamos pegar iscas (Traíras, Jacundás e Cachorras-Magras, também conhecidas como Saicangas e regionalmente nomeadas Bicudinhas), para a pescaria de peixes de couro no final do dia. Só que, assim que chegamos ao local, logo nos primeiros arremessos tivemos nossa atenção despertada por uma boca mais interna do lago,

de onde provinham três enormes Jacarés Açus, o maior deles com aproximados cinco metros - o mesmo comprimento do barco! Chegaram e ficaram à nossa volta como uma escolta. A atenção foi redobrada até na soltura dos peixes capturados. Prudência nunca é demais.

Após muitos arremessos chegamos a outro lago, onde protagonizamos um fato que, se não houvesse acontecido comigo, poderia muito bem ser rotulado como "causo de pescador". Com o motor elétrico, o guia Valdo foi posicionando o barco próxi-



mo a uma galhada, distante a pelo menos 30 metros, mas com cara de "casa de Açú". Eu estava na plataforma de proa e o Almeida no meio do barco. Sem trocar quaisquer palavras ou olhares, ambos arremessamos as iscas (eu a Perversa e ele a Curisco) no mesmo local. As iscas voaram juntas, lado a lado, e 'brindaram' no ar - sem enroscar as garateias - caindo também lado a lado. Nos primeiros dois toques que imprimi na isca, um Açú enorme, com mais de 8 kgs, abocanhou a isca e felizmente saiu do

emaranhado de troncos e raízes, indo para o meio do lago em uma primeira corrida alucinante! Ao passar ao lado do barco, vi o "Tucunossau" de relance a já falei ao guia que era grande. Com isso, o barco foi puxado mais para o meio do lago, onde pude frear as tentativas do 'macetão cabeçudo' de voltar ao enroscos. Foram 10 minutos de intensa briga com tomadas de linha frenéticas, até ele posar para as fotos e ser restituído à sua casa nas galhadas. Chave de ouro para finalizar a pescaria, que na





## Chave de ouro para finalizar a pescaria, que na parte da tarde ainda teve muitas ações



parte da tarde ainda teve muitas ações de peixes menores de 4kg (Pacas, Borboletas e Popocas) e um lindo Sarabaiano.

Na última manhã de pesca o dia amanheceu virado, com muitas nuvens e vento, transformando o rio Negro em um enorme 'banheiro', resultando apenas uma ação (com linha rompida por Piranhas, na pesca de peixes de couro). Demos por finalizada a ótima pescaria!

Fica aqui mais uma vez o agradecimento ao Ian, Mega e Otávio; à equipe do Kalua, com serviços de cozinha, limpeza e guias de primeira linha; aos prestativos e eficientes Passarinho e Éder; ao meu amigo e proprietário da Pesca & Prosa (BH/MG), Alexandre, por disponibilizar todo o arsenal de iscas e equipamentos da loja para a busca aos 'Tucunossauros'; e a todos os outros que fizeram desta pescaria a realização de um sonho no meio da Floresta Amazônica. Lembrando sempre: preservando, pescando e soltando, pescaremos sempre! **MP**

# CAUSO MundoPesca **4**

POR: Francisco José Starling

## OPERAÇÃO RESGATE



A foto mais inusitada que já fiz (ou melhor, fizeram de mim) ocorreu em uma pescaria no Rio Branco em Roraima, onde durante uma incursão em busca dos enormes peixes de couro da região (Pirararas e Piraíbas), nosso guia e piloto enxergou de longe uma movimentação na água clara daquele rio, próximo à margem, e falou para que eu e o Gaúcho que pescava comigo no barco preparássemos as máquinas fotográficas. Quando chegamos mais próximos ao barranco alto em que acontecia a ação, vimos que se tratava de uma Garça Maguari que se debatia e, com as penas encharcadas, estava quase se afogando! Com pena da situação da belíssima ave, a peguei no colo e navegamos com ela até que achássemos uma praia (pois as águas estavam em repique) em que ela pudesse ser deixada em segurança. Durante o percurso, enquanto meu amigo Gaúcho tirava as fotos, por cerca de 20 minutos o 'bichão' ficou quietinho no meu colo. Não tentou me arranhar com suas longas garras e nem sequer me bicar, parecendo sentir que não lhe queríamos mal. Ao chegar finalmente à praia, a levei até a areia e a coloquei cuidadosamente em um lugar abrigado, pois ela tinha um pequeno corte na cabeça que, talvez, pudesse ter sido feito por uma ave de rapina. Fomos pescar e após as fsgadas de bons peixes, retornamos ao local no final da tarde para ver como ela estava e onde antes só havia um pequeno bando de paturis, agora pescava normalmente a enorme Maguari. Não nos aproximamos, mas ficamos felizes em saber que as chances de ser a mesma ave que socorremos eram altas e que nossa parte foi feita. A natureza que seguisse seu curso dali para frente.